

O MASTRO DE ULISSSES

Fernando Garcia, Ladwa (India), janeiro de 2015

Nosso projeto conjunto -a obra vital de Silo- é dar uma referencia evolutiva para a mudança global deste mundo, mundo que avança para uma síntese de características planetárias. É um projeto de longo alcance que começou faz vinte décadas e que ainda está vigente, porque a necessidade que lhe deu origem, assim como suas possibilidades de realização, ainda estão vigentes.

Como se explicara faz muito tempo e em incontáveis ocasiões, a mudança é precedida por uma crise que se manifesta tanto no campo social como no campo das relações interpessoais e na vida de cada pessoa, em particular. Com outras palavras, trata-se de uma crise psicossocial de transição e mudança. Sendo assim, ao longo de muitos anos temos estado construindo um conjunto de referencias para os diferentes campos em que a crise se manifesta, tentando satisfazer a necessidade de avançar em uma direção evolutiva crescente. Estas referencias que construímos são de diferentes tipos: conjuntos humanos com suas múltiplas atividades, grupos e organizações, uma doutrina, uma ideologia, uma psicologia, um conjunto de práticas para superar o sofrimento, para conseguir experiências e sentido transcendentales, uma nova espiritualidade, lugares de encontro e reflexão, etc.

Estamos trabalhando para construirmos os alicerces de uma nova civilização planetária que represente um salto qualitativo do ser humano sem precedentes. A isto temos chamado de diferentes maneiras, por exemplo, “Humanizar a Terra”, “ A nação humana universal”, etc.

Não obstante a aceleração do tempo histórico, um projeto de tal envergadura excede o tempo vital dos indivíduos que o sustentam e desenvolvem.

Quer dizer que é muito improvável que algum indivíduo possa assistir a todo o processo desde o seu início até sua concreção. De maneira que todos e cada um de nós, situados em algum ponto deste longo processo, fazemos nossa parte nesta construção conjunta.

Nestas condições, nossa situação existencial é a de atuar em função da imagem do futuro querido ao que aspiramos. Porém, como este futuro depende da intencionalidade humana e não de processos mecânicos, não temos garantia do sucesso final de nossos esforços.

Pôr o sentido de nossa ação no sucesso de nossa ação cria problemas. É uma armadilha e um erro mental que atenta contra nossa ação em longo prazo, com um resultado incerto. É um erro mental pôr o sentido de nossa ação na valoração dos objetos a conseguir como resultado dela, por mais nobres e elevados que estes sejam. O sentido da ação deve ser intrínseco à ação, deve estar incorporado na ação mesma. Quer dizer que ele deve residir no registro interno da ação. Esta é a natureza da “ação válida”, uma ação isenta do cálculo, da pose, uma ação que voa sobre o sucesso e o fracasso do intento.

Alias, em um projeto como o nosso, não só é um erro mental depositar o sentido de nossa ação individual no sucesso, como é ainda mais errado fazê-lo com a ilusão do sucesso imediato. Há uma série de expectativas ilusórias expostas ao fracasso; como o reconhecimento e a aprovação social, a ausência de erros e dificuldades, a retribuição de nossos esforços, o conforto, a coincidência perfeita de nosso projeto com a paisagem de formação pessoal, etc. Pior ainda, se isto é esperado vindo de um meio em crise de desestruturação, de desumanização. Portanto, tudo depende de sustentarmos nossa ação com

base na imagem de um futuro necessário, possível e desejável, mas que não é garantido. A imagem de um futuro que talvez não consigamos presenciar. A imagem de um futuro no qual talvez não haja reconhecimento nem retribuição aos nossos esforços, os que em sua maior parte ficarão anônimos. Em soma, trabalhamos por uma imagem de futuro na qual o ser humano seja o valor central, mas na qual o nosso “eu” não ocupará o lugar central entre os seres humanos.

Então, o que dará sentido profundo e duradouro à nossa ação? Qual será esse sentido isento de toda frustração, de todo acidente, de todo esgotamento?”De qual fonte virá a Força interna e o que nos servirá como o mastro serviu a Ulisses? Cabe a cada qual descobri-lo e nutri-lo, mas não poderá ser um sentido que tenha o próprio “eu” como o Alfa e o Omega de tudo e todas as coisas. Enquanto agirmos tentando manter a nossa imagem de um futuro necessário, possível e desejável, devemos por força, fazê-lo junto à percepção do presente, presente este no qual primam a violência, a desumanização, os antivalores de um mundo inviável e agonizante. Não somente prima o obviamente desagradável, mas também o desvio do reino do secundário, das falsas portas e do fascínio dos sentidos provisórios. E isto não acontece somente “ai fora”, na “paisagem humana”, como também –em alguma medida– em nossa própria “paisagem interna”, já que ambas constituem nossa indissolúvel visão da realidade. Não se tratará então só de humanizar, como também e simultaneamente de nos humanizarmos. De modo que é assim que se apresenta a luta em nossa consciência, se debatendo entre as forças de uma imagem de futuro e da percepção do presente. Esta relação de forças têm seus ciclos, e com eles oscilam também nossa força interna e nossa ação.

Quando a imagem de futuro se impõe, a vida fala por nossa boca dizendo que não existe algo que possa nos deter.

Quando a percepção do presente é que se impõe, a terra escurece e o abismo se abre. Sempre estão em jogo os caminhos do sim e do não. Quais razões tentarão dissimular este fato básico? Acaso dirão que as uvas estão verdes, como estavam para a raposa de Esopo, argumentando com valores que não são os nossos, ou com as assim chamadas “realidades” da vida?

Talvez seja por isso que voltam para a memória essas palavras ditas há já bastante tempo: “Está colocada uma luta mais profunda e total entre a zona escura e destrutiva do homem e sua zona de luz, entre o sono e o despertar, entre a regressão e a evolução. A verdadeira luta do homem está em sua consciência, importa pois desperta-la.”

Para isso, talvez valha a pena modificar a percepção do presente à luz da imagem futura. Isto é, variar o nosso “olhar” para perceber também a luz no presente, e não só a sombra. Talvez valha a pena também reforçar essa imagem futura, vinculando-a com um sentido transcendente. Porque não. Talvez seja conveniente mais uma vez reconsiderar o Guia do Caminho Interno, em função de nossa ação no mundo, e, por certo, os Estados Internos, e evitar a porta da “Degradação”.

Por último, mas não menos importante, conceber isto tudo em relação coerente e crescente com os demais, com o “nós”.

“O sol se opõe para que o dia seja noite, mas o dia será segundo o que eu faça com ele”.

Paz, Força e Alegria para todos!

Fernando A.Garcia // Mail: Fernando120750@gmail.com

<http://fernandoagarcia.blogspot.com>